



EJA E O MUNDO DO TRABALHO: REFLEXÕES E RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EXPLORATÓRIA REALIZADA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Eixo 10 - Educação, Comunicação, gênero e raça nas práticas e materiais autorais da Educação de Jovens e Adultos

Eloiza Lagaris de Paula Ribeiro¹

RESUMO

O presente artigo propõe discorrer sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA, através da perspectiva do Mundo do Trabalho, que tanto atravessa a trajetória dos sujeitos educandos dessa modalidade de educação. Para tornar possível esse diálogo e a análise desses temas – EJA e trabalho – foi realizada uma pesquisa exploratória em nove escolas da Rede Municipal do município de Betim, em Minas Gerais, que ofertam a modalidade EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; mundo do trabalho.

ABSTRACT

This article proposes to discuss Youth and Adult Education - EJA, through the perspective of the World of Work, which so much crosses the trajectory of the subjects educated in this modality of education. To make possible this dialogue and the analysis of these themes - EJA and work - an exploratory research was carried out in nine schools of the Municipal Network of the municipality of Betim, in Minas Gerais, which offer the EJA modality.

KEYWORDS: Youth and Adult Education; world of work.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Mestranda em Educação no Programa de Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG – Linha de Pesquisa: Educação de Jovens e Adultos – EJA; tutora do Projeto de Extensão de Formação Continuada para Produção de Cadernos Pedagógicos para EJA desde 2022; e-mail: elolagaris@gmail.com



1 Introdução

A pesquisa exploratória ocorreu em nove escolas da Rede Municipal do município de Betim, em Minas Gerais, que ofertam a modalidade EJA, durante o segundo semestre de 2022, angariada pelo projeto de extensão da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – FaE/UFMG, que visava produzir um caderno pedagógico que tratasse o mundo do trabalho e suas implicações para e com os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Dessa forma, as visitas tinham como intuito principal compreender as concepções e conceitos dos/as profissionais docentes e dos/as educandos/as sobre o trabalho, a partir do contexto atual em que se destaca o discurso neoliberal e o desmantelamento das leis trabalhistas.

Percebemos a alienação dos trabalhadores diante a precarização, quando nos deparamos com a frequente naturalização dos processos de desigualdade e de negação de direitos. Sendo um dos aspectos mais insistentes na realização da referida pesquisa e que será melhor amplificado no desenvolvimento do presente texto.

Ademais, vale dizer que a realização da pesquisa esteve orientada pelo lugar da escuta, sobretudo aquela evidenciada por Paulo Freire, que ensinar vai além de saber observar, pois exige saber escutar:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 1996, p.58).

Além disso, durante a pesquisa e sobre as relações criadas a partir dela, assumimos o papel de observar e compreender os/as que compõem a Educação de



Jovens e Adultos a partir da concepção de Freire sobre “sujeito” como um ser histórico, inacabado e agente. Deste modo, é caro e necessário que os/as educandos/as da EJA sejam compreendidos como atores e produtores sociais, com plena capacidade de pensar, produzir e intervir criticamente no mundo que estão inseridos e fazem parte. Afinal, acreditamos que ao assumir essa concepção freireana sobre o “sujeito”, nos aproximamos do sentido histórico da Educação de Jovens e Adultos e do papel social dos seus educandos. Dito isso, o texto se dividirá em seções comprometidas com a análise do conceito “trabalho” e suas ideologias, a fim de iniciar uma conversa com “as questões problemas” que lampejam nos relatos de educandos e educadores da pesquisa exploratória. Para isso, a seção inicial abordará uma leitura sobre o sujeito e a etimologia da palavra “trabalho”. Em seguida, analisaremos o processo da mecanização, racionalização e divisão do trabalho. Por fim, as seções finais objetivam abordar os processos de precarização, informalidade e supressão dos direitos trabalhistas, presentes nos discursos dos educandos e educadores da Educação de Jovens e Adultos, que também serão destacados e caracterizados ao longo do texto. Todavia, durante todo o texto compartilharemos as narrativas e as situações que vivenciamos ao longo da pesquisa de campo, tecendo sempre um diálogo entre a teoria e a experiência.

2 Sobre o sujeito e a etimologia do termo trabalho

Para Charlot (2000), pesquisador e filósofo francês de formação, o sujeito é um ser humano, um ser social e um ser singular. Este sujeito age no mundo e sobre ele. Além disso, é portador de desejos, ocupa um lugar na sociedade, tem uma história, interpreta o mundo, dá sentido a este mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e singularidade. Um sujeito que se produz e é produzido através da educação. Entendemos que este sujeito humano tem necessidades, do ponto de vista material, físico e mental. E como ele suprirá estas necessidades?

Consideramos importante salientar a ideia de Karl Marx, pensador e político alemão, materialista (1818-1883), sobre trabalho:



Ele deixa de ser um ato de liberdade e se torna alienado a partir do momento que ele é parcelarizado, rotinizado, despersonalizado e leva o homem a sentir-se alheio, distante ou estranho àquilo que produz. As imposições de um poder burocrático que decide pelo trabalhador fazem do trabalho o dominador da natureza e da natureza humana. Vivendo no universo da mercadoria, o trabalhador também se torna mercadoria, distanciando-se dos outros homens e até de si mesmo. A perda da autonomia em suas atividades faz com que ele não se reconheça mais como o responsável pelo produto do trabalho realizado. (CARMO, 1992, p. 16).

Ainda sobre o conceito de trabalho, Carmo (1992) fala sobre o termo trabalho como sofrimento:

De origem controversa, a palavra “trabalho” remete ao latim *tripalium*, nome do instrumento formado por três estacas utilizadas para manter presos bois ou cavalos difíceis de ferrar. No latim vulgar, ela significa “pena ou servidão do homem à natureza”. Inicialmente considerado esforço de sobrevivência, o trabalho transformou-se ao longo da História em ação produtiva, ocupação e, para muitos, algo gratificante em termos existenciais (CARMO, 1992, p. 16).

Conforme Carmo (1992) fala-se de trabalho a todo momento e por toda parte e esta constatação já demonstra a importância dele para a nossa sociedade e para muitas pessoas, o trabalho pode ser visto como a chave para superar os infortúnios e o parâmetro para medir a acumulação de capital, evidenciando de certa forma a habilidade de “vencer na vida”.

Podemos citar alguns filósofos e pensadores que também abordaram o tema trabalho: Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo alemão, idealista (1770-1831), o alemão Immanuel Kant (1724-1804), um dos maiores pensadores metafísicos e o pensador alemão, Karl Marx (1818-1883), materialista.

Dentre eles, destacamos o pensamento de Hegel sobre o trabalho:

Hegel percebe que o trabalho é a mola que impulsiona o desenvolvimento humano; é no trabalho que o homem se produz a si mesmo; o trabalho é o núcleo a partir do qual podem ser compreendidas as formas complicadas da atividade criadora do sujeito



humano. No trabalho se acha tanto a resistência do objeto (que nunca pode ser ignorada) como o poder do sujeito, a capacidade que o sujeito tem de encaminhar, com habilidade e persistência, uma superação dessa resistência (apud KONDER, 2008, pp. 23-24).

3 Sobre o processo da mecanização, racionalização e divisão do trabalho

Para falar sobre o processo da mecanização, racionalização e divisão do trabalho é importante citarmos as ideologias taylorista e fordista. Frederick W. Taylor – (1856-1915). Taylor de origem estadunidense, engenheiro de formação, funda uma nova ideologia produtivista de organização do trabalho. Taylor partia da crença de que o homem é compelido ao trabalho não porque goste, mas por ser ele um recurso à sobrevivência, e assim, sua única motivação são as recompensas econômicas e materiais. O trabalho é visto somente como um exercício de sobrevivência, não como um ato existencial. Sua técnica se disseminou pelas indústrias do mundo todo. Visa à racionalização da produção, a fim de possibilitar o aumento da produtividade no trabalho, evitando o desperdício de tempo, economizando mão de obra, suprimindo gestos desnecessários e comportamentos supérfluos no interior do processo produtivo.

Conforme Carmo (1992, p. 43): “O taylorismo tem um poderoso lado perverso: com a simplificação das tarefas, em questão de dias ou de horas um novo operário, não-qualificado é capaz de dar conta da tarefa – e por que não com um salário mais baixo?”.

Segundo a ideologia taylorista organizar, controlar e vigiar até mesmo os mínimos detalhes da execução da tarefa, determinando o que e como fazer em um curto espaço de tempo.

Henry Ford (1863-1947) foi um empreendedor e engenheiro mecânico estadunidense, fundador da Ford Motor Company.

Conforme Carmo (1992):



A linha de montagem, criada por Henry Ford (1863-1947) na fabricação em massa de automóveis, seguiu a trilha aberta por Taylor. Essa atividade em cadeia elevou o grau de mecanização no trabalho reduzindo ainda mais a iniciativa e a autonomia dos operários. Ao ditar a cadência do trabalho, a linha de montagem permite um grau de padronização da mão-de-obra que elimina o operário zelo ou o preguiçoso, pois ambos retardaram a marcha da produção. Através de uma esteira transportadora o fordismo fixa o operário em seu posto fazendo com que as peças e os componentes venham até ele, para que “nenhum homem precise dar um passo”, diz Ford (CARMO, 1992, p. 44).

E como está o mundo do trabalho hoje?

O mundo do trabalho hoje está se diluindo, precarizando, uberizando, mas reproduzindo modelos de tempos passados aqui citados. Percebemos ainda mais como está o mundo do trabalho hoje, nos relatos de diferentes educandos da EJA, das escolas que visitamos recentemente. Educandos com vivências e enfrentamentos comuns aos sujeitos empobrecidos, que nos sinaliza o emergente papel da escola em tratar criticamente as questões que tangenciam a precarização do trabalho, o sucateamento dos direitos trabalhistas com as reformas previdenciárias propostas pelo governo no ano de 2019, as emblemáticas do trabalho formal e informal e o forte discurso do empreendedorismo. Este discurso esteve mais forte ainda diante da inesperada crise sanitária mundial vivida nos últimos dois anos (2020-2021), que impactou não somente no modo como o trabalho pode ser executado, mas também na reformulação e no surgimento de novas profissões, bem como no grande crescimento da busca de profissionais de determinadas áreas e também no desemprego de muitos sujeitos.

De acordo com Dominique Lhuilier (2014), podemos dizer que o trabalho tem um papel estruturante na vida cotidiana do homem contemporâneo, na própria construção da condição humana e das sociedades, permeadas por tensões e conflitos diários e até justifica a sua existência no seio da sociedade. Porém, os significados são componentes mediadores da pessoa com o mundo. O trabalho é importante para a pessoa, é centrado na vida e dá significado à sua existência. Porém, é importante



ressaltar que o significado do trabalho é diferente para cada pessoa. No entanto, se o mundo concreto muda, muda o significado do mundo e das demais coisas.

Estamos passando por muitas mudanças no Brasil, especialmente no campo do trabalho: alterações nas leis trabalhistas, tanto no segmento público quanto privado, processos de trabalho diversificados com a uberização e o empreendedorismo em alta escala, a precarização do trabalho e também a desvalorização do trabalhador. Diante deste contexto e de um mundo fortemente capitalista, procuramos entender o ser humano dentro da sua própria cultura e diante de tantas mudanças. Entendemos que diante de tantas mudanças, muda o significado do trabalho para a pessoa. Mudam as rotinas nas instituições, muda a vida. O trabalho faz a história entre os homens e fazer história é dar sentido à vida. O trabalho é muito maior que o emprego e acaba exercendo uma função política e psicológica. Com as mudanças no mundo do trabalho mudam-se também os perfis de adoecimento.

O sociólogo e professor da Universidade de São Paulo, Ruy Braga (2012), em seu livro: A Política do Precariado, do populismo à hegemonia lulista, utiliza os instrumentos teóricos da sociologia marxista crítica a fim de propor uma leitura inovadora da história social do Brasil - do populismo fordista ao atual lulismo hegemônico -, tendo como vetor analítico a 'política do precariado'. Definido como o proletariado precarizado, o conceito de 'precariado' situa esse grupo como parte integrante da classe trabalhadora, enfatizando a precariedade como inevitável no processo de mercantilização do trabalho.

4 Sobre os relatos de experiência

Como tudo aconteceu?

Nos meses de maio e junho de 2022, a convite da Secretaria Municipal de Betim, município localizado no estado de Minas Gerais, tivemos a oportunidade de visitar 9 das 15 escolas da EJA em Betim, com o objetivo de acompanhar as exposições dos estudantes e professores sobre o “Mundo do Trabalho”. Na ocasião interagimos



com a direção das escolas visitadas, bem como pudemos observar o envolvimento dos estudantes e seus trabalhos expostos durante os eventos nas escolas. Percebemos nos relatos de alguns jovens e adultos, a maioria deles, idosos e estudantes da EJA, que por causa do trabalho de cunho braçal, realizado no campo, debaixo de sol e chuva, muitos deles deixaram de estudar cedo, a partir de 8 anos de idade. Outros relataram que sem poder estudar tiveram que trabalhar duramente para conseguir o sustento diário para suas famílias e criar os seus filhos. Relataram ainda que “o trabalho é importante não só pelos bens materiais, mas também para conviver com as pessoas e aprender mais coisas”. Uma das jovens estudantes da EJA citou que: “Entendo que o trabalho é crescimento. Nunca trabalhei, mas quero estudar e fazer o curso técnico de enfermagem para ter um emprego melhor”. Nestas visitas, uma das escolas municipais situada no Bairro Petrovale, em Betim, nos chamou a atenção pela organização do evento, a participação da comunidade escolar e pela apresentação da peça teatral: “À procura do emprego!”, produzida e estrelada pelos alunos do 4º. Período A, 9º. Ano da EJA, sob a direção e orientação da professora de matemática. Os alunos apresentaram muito bem a peça na escola no dia da visita (08/06/2022) e foram convidados para apresentá-la novamente em um espaço externo à escola, no Shopping Monte Carlo, em Betim no dia: 22/06/2022, na Mostra “Mundo do Trabalho”, realizada de 22 a 111 26/06/2022, como culminância do projeto desenvolvido pelas 15 escolas municipais de EJA em Betim, com o incentivo da Secretaria Municipal de Educação - SEMED, sobre o referido tema. A reapresentação foi um sucesso e despertou em nossa equipe o desejo de ouvir estes alunos mais de perto. Sendo assim, no dia 27/06/2022, juntamente com a equipe de professores e pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, realizamos uma roda de conversa com estes mesmos estudantes do 9º. Ano da Escola Municipal localizada no bairro Petrovale, em Betim, para dialogar com eles sobre o processo de produção da peça teatral e também sobre como eles chegaram na EJA (Exemplo: a aluna que saía para fazer faxina com a mãe e teve que ir para a EJA; a aluna que tinha baixa visão e por este motivo era reprovada). A professora de matemática da turma nos relatou como foi a dinâmica da construção da peça de teatro: a professora de português



fez uma rápida oficina em sala de aula com os estudantes sobre como se comportar em uma entrevista de emprego e em seguida os desafiou a prepararem uma peça de teatro sobre o tema. A professora de Matemática aceitou o desafio e juntamente com os estudantes acompanhou todo o processo da peça teatral. Ao assistir a peça na escola e no Shopping Monte Carmo e também ouvindo cada um dos estudantes relatarem na roda de conversa, de como foi a experiência deles, percebemos que o teatro teve um caráter pedagógico e formativo para estes estudantes. Teve também um valor de trabalho: eles tiveram compromisso e pontualidade nos ensaios, responsabilidade em buscar as informações sobre o roteiro, de entender como era uma entrevista de emprego, sobre a divisão do trabalho (quem fazia o que na peça) e o trabalho em equipe. Portanto, algo além disso nos chamou a atenção nos depoimentos dos estudantes, o fato de que a minoria exerce um trabalho formal e que eles não têm ainda o entendimento sobre o que é o mundo do trabalho e o mercado de trabalho (vagas de emprego de acordo com a qualificação do sujeito). Muitos estudantes da EJA fazem “bicos” para sobreviver, sem ter um horário fixo de trabalho e uma remuneração satisfatória, assumindo assim os riscos do trabalho informal.

Além disso, a apresentação deste grupo de 11 (onze) estudantes, 09 (nove) atuando na peça e 02 (dois) nos bastidores, a maioria deles: negros e periféricos, pertencentes à Escola Municipal do bairro Petrovale, em Betim, nos faz lembrar da experiência de Educação Popular sobre o “Teatro Experimental do Negro (TEN)”, fundado e dirigido por Abdias Nascimento. Uma companhia teatral brasileira, que atuou no Rio de Janeiro entre 1944 e 1968. Entre 1952 e 1953 o grupo teve um programa de mesmo nome na TV Tupi apresentando teleteatros. Abdias, foi ator, diretor e dramaturgo. Militante da luta contra a discriminação racial e pela valorização da cultura negra. É responsável pela criação do Teatro Experimental do Negro (TEN). Abdias do Nascimento foi preso em consequência de seus protestos contra a discriminação racial. Ainda na penitenciária do Carandiru, em São Paulo, por 2 anos, criou com outros presos o Teatro do Sentenciado. Ao deixar a prisão, concebeu uma companhia teatral voltada para o desenvolvimento da cidadania e conscientização racial. O elenco foi composto



por operários e empregadas domésticas. Alguns dos primeiros membros eram analfabetos, e foi preciso realizar cursos de alfabetização para que eles pudessem ler os textos das peças.

Voltando a falar sobre os estudantes da peça teatral da escola municipal do bairro Petrovale em Betim, ao serem criativos e os próprios autores da peça, nos lembraram também das palavras de Paulo Freire:

Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens (FREIRE, 1987, p. 52).

Podemos concluir com este relato que os alunos foram estimulados por uma professora, apresentaram o teatro na escola, depois apresentaram novamente em um outro espaço público, que era um shopping da cidade e assim poderão encontrar o caminho, uma direção, ampliando a visão de mundo e do trabalho, por meio de uma peça teatral.

5 Sobre a precarização do trabalho e a supressão dos direitos trabalhistas nas narrativas de educandos e educadores da EJA

Durante as visitas nas escolas, pudemos perceber muitos relatos que convergem, diante das vivências das alunas e alunos - seja entre os mais jovens completando o ensino fundamental 2, ou entre os mais velhos na turma de alfabetização. Logo, um aspecto importante de analisar, é a questão da subalternização do trabalho e o aumento da desregulamentação das relações laborais- totalmente ligados com o não reconhecimento do trabalho doméstico e do cuidado enquanto tais- produzidos em sua maioria por mulheres negras, no Brasil dos últimos anos. Entender como esses fatores são refletidos nos indivíduos que compõem a EJA- donos de histórias que se repetem e não são em vão, ao analisar uma estrutura econômica e social que segrega alunas e



alunos, é de fundamental importância para o caminho de uma educação libertadora (Freire, 1987) dentro dos espaços de aprendizado. Para abrir esse debate, Ricardo Antunes, professor da UNICAMP, em *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho* (2013), vai analisar as novas configurações da classe trabalhadora - a qual é heterogênea e multifacetada. Junto das imbricações entre trabalho produtivo e improdutivo: para justamente dar concretude à tese da centralidade do trabalho como elemento fundante da existência humana- conceito melhor trabalhado anteriormente.

O autor destaca que, na modernidade ocorre a redução do proletariado industrial, estável e especializado, abrindo caminho para a expansão do trabalho temporário e em tempo parcial num modelo produtivo focado na integração tecnológica informacional, na desconcentração do espaço produtivo e na horizontalização da produção. Ou seja, existem novas técnicas de gestão da força de trabalho- onde, vende-se a ideia de trabalho em equipe e de grupos semi autônomos e a finalidade de tais mudanças se dá em controlar a subjetividade dos indivíduos, consistindo em uma participação manipuladora e que consiste na essência as condições do trabalho alienado e estranhado. Torna-se perceptível ao longo dos últimos anos no Brasil, a diminuição dos direitos e flexibilização das leis trabalhistas, consequência da Nova Reforma Trabalhista de 2017, lei Nº 13.467 a qual prometia gerar novos empregos, na verdade ocorre o inverso e o que temos hoje é um processo denominado de Uberização do mercado de trabalho- termo utilizado para se referir a nova forma de exploração do proletariado mais encoberta em que um dos objetivos é deixar as relações de trabalho mais individualizadas. Onde esses trabalhadores são clientes de uma empresa na qual não sabem quem é o chefe, não possuem carteira registrada e nem garantia de seguro dos automóveis e vida. Seguindo adiante, durante as visitas nas escolas, foi possível perceber que os jovens, adultos e idosos da EJA, possuem fatores semelhantes marcados por contextos sociais que atravessam ambos os grupos, são eles: de raça, classe e gênero. E justamente por esse cenário de marginalização, os quais esses sujeitos têm direitos básicos negados; compreender e estudar esses recortes torna-se imprescindível



não só para o educador dessa modalidade de ensino, mas para o conjunto de profissionais da área da educação e todo o corpo social. As gerações dentro da modalidade são marcadas também por suas particularidades.

Percebemos que, muitos adultos querem a certificação para um melhor lugar no mercado de trabalho e outros, assim como os idosos, estão para serem alfabetizados. Esses adultos exercem trabalhos que não são reconhecidos como tal, como o do cuidado e das trabalhadoras domésticas. Por isso, uma realidade bastante presente nos corpos que compõem a EJA, são as mulheres, majoritariamente pretas que exerceram o trabalho doméstico em suas casas ou de outras pessoas, a vida inteira. E o trabalho do cuidado com os filhos de suas patroas- que seria a reprodução social. Quando elas nos relatam sua condição não afirmam sobre estar trabalhando, justamente por essas execuções não serem reconhecidas enquanto tal, dentro do sistema social. Para tanto, é importante enxergar o trabalho de cuidado como não apenas parte da execução, pois envolve muito planejamento e preocupação dessas mulheres; sem contar que, a expectativa de gênero é voltada a estas, nas atitudes do cuidado. Por isso pensar no caminho da “democracia do cuidado”, é muito importante, quando estamos falando de crianças que, para além da responsabilidade dos pais, é também de toda a comunidade social- de tutores que cuidam e fazem parte da formação das crianças, e não apenas jogar toda a responsabilidade para mães e mulheres. Agora falando dos idosos, a maioria relata estar realizando um sonho o qual toda vida foi negado. Os relatos são outros que a todo momento estão se cruzando: devido a necessidade de trabalhar em plantações quando ainda crianças e exerceram trabalhos subalternos até hoje. Eles possuem histórias de vidas semelhantes e isso não é em vão, ao observar toda história brasileira. Uma senhora, estudante da EJA, com setenta anos de idade, conta que nasceu no Espírito Santo e o pai não deixava ela estudar com medo de escrever cartas para o namorado. Com oito anos ela ganhou uma enxada do pai, o qual afirmou que ela iria trabalhar até o dia que morresse. Até os trinta anos de idade, trabalhou em lavouras de café, fazendo rapadura, melado e em plantações de milho. Depois, mudou-se para Minas Gerais, casou e o marido não a deixava estudar, mais uma vez o direito à educação



negado. Ela nos conta que faz sete anos que ficou viúva e foi em maio de 2022 que ela decidiu entrar na EJA e realizar o sonho de ler e escrever, junto do apoio de suas professoras.

Outro contexto importante de ser relatado é o dos jovens de 15 a 18 anos que para concluir o ensino fundamental, muitas vezes são transferidos para a EJA, a escola os coloca como “difíceis de lidar” e com “comportamentos ruins”. Também relatam que, por necessidade, precisam trabalhar de manhã e à tarde e priorizar o emprego para ajudar na renda familiar. Muitos dos relatos apresentados na pesquisa exploratória mostram jovens menores de 18 anos, em trabalho informal e quando perguntado a eles qual futuro seguir, alguns dizem querer ser empresários, microempreendedores e outros enxergam a universidade como algo muito distante. Conversando com um deles, respondeu: “faculdade é pra quem tem sonho”. Esse aspecto pode ser observado por conta do distanciamento do meio acadêmico com os jovens periféricos da EJA - as ditas “barreiras invisíveis” em que não enxergam a universidade como possibilidade de trabalho e mobilidade social e econômica. Vários meninos relataram exercer os trabalhos ditos informais ou autônomos (como servente de pedreiro e borracheiro), conceitos bastante característicos do neoliberalismo atual, os quais como vistos anteriormente, não trazem as mesmas proteções sociais e legais que o trabalho formal e costuma ser sinônimo de salários mais baixos, junto da flexibilização das leis trabalhistas, vendendo a ideia de maior liberdade do trabalhador, quando na verdade rende mais lucro aos donos das empresas e exaustão física e mental. Outro aluno de 15 anos, foi um dos únicos que respondeu que gosta da EJA e a vê como uma família. Ele foi para essa modalidade porque faz dois anos que trabalha como ajudante de calhas com o pai e pensa em seguir com o trabalho, depois de se formar. Ele relata que, de seus amigos, é o único que continua estudando e ao descrever mais sobre seu cotidiano, comenta que sua "história é bem realista e quem está de fora não vê". Conta também da socialização, momentos felizes com o pai e os amigos.



Considerações Finais

Os relatos descritos nos mostram a percepção do espaço da EJA como de desconstrução, em que os jovens se encontram. Durante as visitas às escolas observamos que nos intervalos para a refeição, os mais velhos trocam experiências com as amigadas formadas e tiram um tempo para eles. Fatores estes muito relacionados com a temática do lazer e momentos de descanso, os quais são tirados desses sujeitos. Em que até a felicidade precisa ser defendida, pois o trabalho tido como atividade vital e produtiva, passa a ser um meio de necessidade para a maioria da população, especialmente para os mais jovens. Devido a tais vivências, ficamos presos ao pensamento que esses indivíduos são pessoas apenas da falta, quando na verdade, são autores e autoras da própria história e ninguém melhor do que essas pessoas, para contar tais histórias.

Alguns diagnósticos podem ser observados para iniciar um diálogo voltado aos sujeitos que compõem a EJA. O primeiro é relacionado ao que está sendo discutido em relação à taxa de exploração do trabalhador, o discurso liberal muito bem fragmentado no imaginário da população, o qual faz com que inverta os papéis, isto é, o indivíduo se auto responsabiliza por um problema que é sistêmico. Coloca-se então, o peso do fracasso no trabalhador e por necessidade, ele acredita que seus interesses são os mesmos do patrão.

Torna-se importante, buscar reflexões e indagações para fugir da alienação que o mito neoliberal propaga e fazer com que esses sujeitos da EJA, os quais possuem nome, raça e endereço, tenham a possibilidade de pensar novos horizontes para eles e seus pares.

Referências

ANTUNES, R. (2013). **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. Coimbra: CES/Almedina.



BRAGA, R. (2012). **A política do precariado:** do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo. 263 p. (Coleção mundo do trabalho). Brasil, (2017).

CARMO, P. S. do. (1992). **A ideologia do trabalho.** Coleção Polêmica, São Paulo: Editora Moderna, 1ª. Edição.

CHARLOT, B. (2000). **Da relação com o saber:** Elementos para uma teoria/Bernard Charlot, trad. Bruno Magine. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

FREIRE, P. (1996). **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, P. (1987). **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KONDER, L. (2008). **O que é Dialética?** São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos.

LEI 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e as Leis nos 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Diário Oficial da União 2017; 14 jul.

LHUILIER, D. (2014). **Introdução à psicossociologia do trabalho.** Cadernos de psicologia Social do Trabalho, 17(1), 5-20. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17ispe1p5-19> 119

SAAD FILHO, A. (2015). **Neoliberalismo:** Uma análise marxista. Marx e o Marxismo – Revista do NIEP-Mar, v.3, n.4, jan/jun. Tese Onze. Delivery e Trabalhar para sobreviver | 047. Youtube, 202ma0 <https://youtu.be/sOYjjQyPJDs>